

TURISMO EM FAVELAS CARIOCAS: potencialidades de práticas de Educação Ambiental não formal para superação de problemas socioambientais locais

Rafael Angelo Fortunato*
Elza Maria Neffa Vieira de Castro**

RESUMO

O presente artigo apresenta elementos de práticas de educação ambiental não formal, desenvolvidas em atividades turísticas em favelas cariocas, como indicadores de contribuição para a minimização de conflitos socioambientais. Parte-se da premissa de que o encontro entre turistas e população local pode suscitar, em ambos, a ressignificação de suas identidades e contribuir para a construção de sociedades sustentáveis. A adoção de técnicas de observação participante e de entrevistas semiestruturadas, na perspectiva metodológica qualitativa, deu-se na perspectiva de identificar os principais significados que turistas e população local atribuem ao encontro e a seus desdobramentos, na construção de novas identidades e da realidade social, inclusive na refuncionalização dos processos produtivos. A partir do relato dos sujeitos envolvidos em situações de aprendizagem e de trocas culturais, este estudo caracteriza o potencial da atividade turística, que envolve práticas de educação ambiental não formal na formação de novas identidades dispostas ao enfrentamento de problemáticas socioambientais locais.

Palavras-Chave: Turismo. Favelas. Aprendizado. Educação ambiental não formal.

ABSTRACT

Tourism In Slums In Rio De Janeiro: The Potentiality Of Non-Formal Practices In Environmental Education To Tackle Local Socio-Environmental Problems

This paper focuses on the elements of non-formal practices in Environmental Education which were developed as part of tourist activities in slums in Rio de

* Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pelo Centro Universitário de Araraquara-SP. Docente dos cursos de Graduação Tecnológica em Turismo, Logística e Hotelaria do SENAC-Rio. E-mail: fortrafa@hotmail.com.

** Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade - CPDA/UFRRJ. Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: elzaneffa@hotmail.com

Janeiro. These elements were indicators that contributed to mitigate socio-environmental conflicts. We believe that meetings of tourists and local people can lead to the redefinition of their identities and contribute to the construction of sustainable societies. Participatory observation and semi-structured interviews which were used in this qualitative methodology aimed at identifying the main meanings that tourists and local people attribute to the meetings and to other similar events while they construct new identities and a new social reality, and the refunctionalization of productive processes. This study, which is based on the reports given by people who were involved in learning projects and cultural exchange, characterizes the potential for developing new identities to tackle local socio-environmental problems through tourist activities that include non-formal practices in Environmental Education.

Keywords: Tourism. Slums. Learning. Non-formal Environmental Education

1 INTRODUÇÃO

Há uma demanda pelo consumo da favela carioca como produto turístico e os seus moradores e as agências de viagens vêm investindo na atividade, visando à geração de renda (Freire-Medeiros, 2007, 2009). O crescente contato dos turistas com os moradores das favelas confirma tal constatação.

O circuito turístico nas favelas cariocas teve início com a Conferência das Nações Unidas, a Rio-92, sendo a Rocinha a precursora. No mundo, existem experiências semelhantes chamadas de turismo de realidade, nas quais os turistas visitam áreas consideradas “pobres”, com o objetivo de vivenciar o cotidiano dos segmentos sociais mais excluídos do sistema.

As favelas estão entrando no circuito da “moda” e sua inserção como “produto”, pintado pelos artesãos em suas telas e apresentado nos meios midiáticos, como nos filmes “Tropa de Elite 1 e 2” e “Cidade de Deus”, parece estar por trás desse consumo como destino turístico (Freire-Medeiros, 2007, 2009).

A constatação confirma-se quando o jornal “O Globo”, um dos principais periódicos do Rio de Janeiro, escreve em seu caderno “Rio Show” que “o “asfalto sobe a favela” e “o morro tem vez”, oferecendo ao leitor várias dicas de passeios nas favelas cariocas, apontando a “tendência” de passeios/turismo por tais lugares.

O presente artigo reflete sobre como esse tipo de turismo está sendo realizado em quatro favelas cariocas e identifica como a percepção das estratégias de sobrevivência de populações de baixa renda pode

interferir na formação pessoal dos atores sociais envolvidos no encontro – turistas e moradores locais. Parte-se da premissa de que os contatos entre pessoas que apresentam diferentes estratégias de produção da existência podem suscitar em ambos, visitantes e visitados, um alargamento da percepção de mundo. A percepção expandida contribui para a formação do sujeito e, desse modo, sob a perspectiva freiriana, caracteriza-se como potencialidade da educação ambiental não formal. Para Paulo Freire (2001), a construção do sujeito, por meio da relação dialógica, pode alterar sua maneira de agir em relação ao ambiente, o que inclui manifestações pela busca da construção de sociedades sustentáveis¹, visto que as “cegueiras” de um podem ser minimizadas pela capacidade de ver do outro, portador de outras “cegueiras” (Oliveira, 2007).

Para testar a premissa, foram estabelecidos procedimentos metodológicos como a observação participante – uma vez que os caminhos trilhados pelos turistas em suas visitas ou trabalhos realizados nas localidades estudadas foram acompanhados pelos pesquisadores – e entrevistas semiestruturadas, tanto para moradores locais quanto para turistas, tendo as seguintes questões norteadoras: (a) o que significa o turismo na favela? (b) como está sendo vivenciada esta experiência? As questões foram colocadas para os seguintes atores sociais: na favela da Rocinha, para cinco turistas, um guia e três comerciantes; em Vila Canoas, para um turista e duas moradoras; no Morro da Coroa, para uma turista e três moradores e, na favela Tavares Bastos, para dois moradores e o proprietário do hotel.

Com a orientação da fenomenologia, pretendeu-se apreender a essência do fenômeno (Husserl, 2000) por meio da descrição dos casos ocorridos no campo de pesquisa. De acordo com tal perspectiva teórica, após a etapa apontada,

o pesquisador, ao ler os discursos do sujeito é orientado por um sentido, por uma busca de significados que ele intui ou detecta. As proposições ontológicas e epistemológicas representam as concepções sobre o fenômeno. As percepções que os sujeitos têm da sua experiência vivida passam a constituir os dados da pesquisa ou as “unidades de significado” que compõem os elementos estruturais do fenômeno (Machado, 1994, p. 45).

¹ Entendidas aqui como aquelas que perseguem a qualidade de vida das gerações presentes e futuras.

As relações de dádivas, as trocas de experiências, a geração de renda, o aumento da autoestima e a busca pela autenticidade são as “unidades de significado” do fenômeno turístico nas favelas. No entanto, neste artigo, o foco recai sobre as trocas de experiências, por tais práticas possuírem relevância na análise do processo de educação ambiental não formal como instrumento estimulador de encontros solidários.

2 CARACTERIZAÇÃO DOS DIFERENTES FORMATOS DE TURISMO EM FAVELAS

O “turismo em favelas” é uma modalidade pouco conhecida pela maioria das pessoas, inclusive no meio acadêmico brasileiro. Não é raro se falar dele em um bar ou em uma universidade e perceber perplexidade nas pessoas diante da expressão. Algumas agências de turismo apresentam a modalidade de turismo em foco, em áreas pobres, semelhante ao “reality tour” oferecido pela *Global Exchange*, segundo a qual “o participante tem a chance de aprender com culturas não familiares”.

No Brasil, a agência Favela Tour, citada neste artigo por oferecer o roteiro na Rocinha, ressalta em seu site que “favela tour es una experiencia educativa”. Também no site da Iko Poran, outra agência de viagens pesquisada por oferecer o turismo voluntário no Morro da Coroa, encontramos que esse turismo “é direcionado para pessoas que querem ter a satisfação de compartilhar e aprender”. No site da Favela Receptiva, promotora de atividade turística em Vila Canoas, é socializada a seguinte informação: “fomentamos o intercâmbio sociocultural-cultural, aliado ao desenvolvimento e ao bem-estar dos moradores locais”. Na Tavares Bastos, onde se situa o Hotel *The Mazze*, o proprietário afirma que os turistas se interessam pelo convívio com os moradores locais.

A seguir, são identificadas as localidades e os formatos do turismo realizado nas mesmas, de modo a detalhar a caracterização.

A favela da Rocinha localiza-se entre os bairros da Gávea e de São Conrado e é considerada a maior da América Latina, contando com cerca de 56 mil moradores (IBGE, 2000). Nela, os turistas participam de roteiros turísticos durante cerca de quatro horas, sendo que, do total desse período de tempo, uma hora, aproximadamente, é direcionada para a localidade de Vila Canoas, situada em São Conrado, para que os turistas conheçam a escola social mantida com parte do lucro dos referidos passeios. A favela conta com cerca de 6.000 moradores e,

segundo a representante da localidade, ali “não existe tráfico de drogas nem facção armada”. Em Vila Canoas também se desenvolve o projeto denominado “Receptivo em Favela”, cujos moradores participantes foram capacitados pelo SEBRAE para receber turistas em suas residências. Com isso, o turista passa a conhecer um pouco do cotidiano vivenciado pelos moradores da favela e pode contribuir com a localidade, oferecendo suas habilidades profissionais.

No Morro da Coroa, região central do Rio de Janeiro, existe uma horta comunitária, na qual turistas agenciados pela Iko Poran realizam trabalhos voluntários. Nas visitas realizadas à horta, pôde-se observar uma das voluntárias ajudando os trabalhadores nos serviços e ensinando-os a administrar os recursos oriundos da comercialização dos produtos cultivados.

A favela Tavares Bastos, conhecida por ter sido local de gravação de cenas do filme “Tropa de Elite” e por possuir vista privilegiada para o Pão de Açúcar, é considerada pelos moradores como um lugar “tranquilo”. Localizada no bairro do Catete, essa favela abriga um inglês de aproximadamente 60 anos, que mantém o hotel “*The Mazze*”.

Nos quatro formatos de turismo apresentados, a maior parte dos visitantes é estrangeira; apenas em dois depoimentos colhidos na favela da Rocinha constatou-se a presença de turistas brasileiros.

3 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO INDIVÍDUO POR MEIO DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E SUA IMPORTÂNCIA PARA A PROBLEMÁTICA AMBIENTAL

O ser humano é construído socialmente. No ambiente onde isso ocorre, ele adquire algumas características reconhecidas por um grupo de sujeitos, pois neste reconhecimento encontra o sentido e os significados da vida (Honneth, 2003). As características que acompanham cada um desses grupos são formadas por meio da diferenciação. Tal movimento permite moldar uma identidade própria.

Tais aspectos podem ser evidenciados quando se discute a questão da identidade profissional construída no interior de um grupo de reconhecimento mútuo, que se apresenta marcado pelos elementos do seu contexto cotidiano. Desse modo, lançam-se luzes nas tarefas cotidianas e cria-se um universo à parte, enquanto outras realidades permanecem na penumbra, o que, na visão de Elias (1994, p. 33), deixa

apenas “um campo muito restrito e unilateral para as faculdades e as inclinações do indivíduo”.

Este artigo trabalha com a ideia de Capra (1982), referente aos problemas ambientais como fruto de uma crise perceptiva e aposta na educação ambiental não formal que, para Carvalho (2004, p. 157), relaciona-se a “uma intervenção que, de modo geral, está ligada à identificação de problemas e conflitos concernentes às relações sociais dessas populações com seu entorno ambiental”, como um meio para a superação de tal crise.

A educação ambiental não formal sinaliza para ações do tipo solidárias, visando ao enfrentamento dos problemas socioambientais, com o objetivo de alargar a percepção dos envolvidos e contribuir para a construção de sociedades sustentáveis.

Segundo Neffa (2010, p. 224),

desde meados do século XX, visualiza-se o desenvolvimento e a consolidação de redes sociais que pretendem criar conexões entre pessoas, organizações e grupos sociais que abram possibilidades para novos valores e formas de convivência social, baseadas em princípios participativos, inclusivos e emancipadores, e para a busca de sustentabilidade socioambiental.

A questão fundamental persiste: como criar redes que contribuam para o fortalecimento político e para a instauração de uma ética responsável pelo desenvolvimento humano e pela sustentabilidade planetária?

Nessa perspectiva, discute-se o papel do lazer como um momento propício para a vivência de valores que sinalizam para o encontro com a diversidade, aumentando as potencialidades para o surgimento de novas concepções sobre a realidade.

4 O LAZER NO CAMPO DO TURISMO COMO ESPAÇO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NÃO FORMAL

Tendo em vista que diversos tipos de turismo procuram oferecer aos turistas uma experiência de “aprendizagem”, pensa-se no espaço em foco como um campo privilegiado para a promoção da educação ambiental não formal, que estimule e amplie a consciência crítica acerca

da problemática ambiental e social, por meio de espaços diversos, como o do lazer.

As noções de lazer e de turismo se entrecruzam nos estudos desses campos temáticos, com os mais variados sentidos. Marcelino (1987), por exemplo, vê no lazer um espaço propício para a vivência de valores que ajudem as pessoas a (re) pensarem a sociedade atual, tendo como objetivo a sua transformação; em outras palavras, expressa que não consegue entender o lazer como simples dispensor de tensões ou como boa estratégia para ajudar o sujeito no convívio com as injustiças sociais. Para o autor, o lazer permite que se “pare para pensar” o que significa a oportunidade do encontro consigo mesmo e com o conflito que se estabelece na visualização das contradições da realidade social.

Segundo Carneiro (2007, p. 71), o turismo pode ser associado à peregrinação, o que faz dele um espaço de formação pessoal. A autora expressa tal possibilidade nas seguintes palavras:

Se, por um lado, tanto o turismo como as peregrinações podem ser entendidas como exercendo um papel importante na construção social de "tradições inventadas" e da cultura de "preservação", por outro, a viagem como experiência para o turista e a peregrinação como experiência para o peregrino podem resultar em instâncias de construção social da pessoa, de afirmação da individualidade e de socialização. Tanto uma como a outra experiência de viagem permitem experimentar, num dado período de tempo, uma condensação temporal dos momentos da vida inteira do ser social: expectativa de futuro, vivência do presente e balanço do passado.

Nesse sentido, Krippendorf (2000, p. 94) nos chama a atenção para as possibilidades de as férias, as viagens e o lazer contribuírem para o aperfeiçoamento pessoal, com vistas à transformação social. Em suas palavras,

as férias desencadeiam um processo de aprendizado que com a continuidade – isto é, no decorrer de nossas viagens –, modifica nossas atitudes e nossos comportamentos, chegando mesmo a algumas mudanças na sociedade. Não se trata de viver alguma coisa “fora” e de contá-la em casa, mas de aprender alguma coisa lá fora e agir de acordo dentro de casa.

Nessa perspectiva, entende-se que a educação ambiental não formal que ocorre em meio ao lazer, no campo do turismo, mais especificamente em meio à prática do turismo nas favelas cariocas, pode oferecer a possibilidade para que novas sensações e representações estimulem o turista em direção a um mundo menos desigual e degradado em seus aspectos socioambientais.

Segundo Bruner (2005, p.15), alguns turistas percebem as viagens “como um projeto de autodesenvolvimento, como uma forma de aprender sobre o mundo”.²

Victor Turner (1969) apud Bruner (2005) considera o turismo como um rito de passagem em que os turistas se dirigem, por um período, a um determinado local, passam um período de tempo lá e voltam para suas casas, transformados. Em sua abordagem, o que mais chama a atenção é a referência ao fato do retorno transformado, o que, a seu turno, remete à questão que envolve a perspectiva sob a qual se dá essa transformação.

Azevedo (2002) também incita a se pensar no papel do lazer no campo do turismo. Para ela, o turismo cultural – aquele que busca o contato com o modo de vida de um determinado local – nesse caso, estendendo-se ao estabelecimento de relações entre turistas e “favelados”, é marcado, em sua essência, pelo processo pedagógico, pela exigência de aprendizagem de novas práticas e de novos comportamentos, pelo intercâmbio e interação de experiência com as comunidades locais.

Vale ressaltar que, na reconstituição da “história do turismo”, vista genericamente, a atividade turística tem como um dos marcos as viagens de estudos realizadas pelos filhos da alta burguesia europeia, as quais proporcionavam a eles um enriquecimento cultural.

O ser humano não nasceu turista, mas com uma curiosidade e um sentimento um tanto nostálgico quanto aos países longínquos que gostaria de conhecer. Em todas as épocas, isso esteve entre suas necessidades básicas e imediatas. A dinâmica de tais atributos determinou as refinadas viagens da aristocracia até o fim do séc. XX (KRIPPENDORF, 2000, p. 14).

² Texto original em inglês: “as a project of self-development, as a way of learning about the world”.

Olhando sob tal perspectiva, percebe-se que os deslocamentos para ambientes desconhecidos eram vistos como fonte de aprendizado ou de formação pessoal. Nessa ótica, defende-se que um dos papéis da atividade turística pode ser o de promover o encontro com o novo, em que as experiências dos turistas são conduzidas por caminhos que os façam (re)pensar seu ser e seu agir no mundo contemporâneo. Sendo assim, são estabelecidas relações entre o turismo e a educação ambiental, tanto para organizar a atividade (Fortunato, 2009) quanto para trazer uma oportunidade para os turistas (re) pensarem sua atuação nos respectivos círculos sociais.

5 AS TROCAS DE EXPERIÊNCIAS E A IMPLEMENTAÇÃO DE ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NÃO FORMAL NAS FAVELAS CARIOCAS POR MEIO DO TURISMO

No roteiro da favela da Rocinha, não existe um convívio mais intenso do turista com a população: as trocas se resumem a fotografias e a compra de artesanatos, mas tal encontro estimula as pessoas do local a serem artesãos, dando um novo sentido a sua identidade de trabalhador. Tal afirmação é comprovada na fala de uma das vendedoras da rua Um, que disse estar iniciando no ramo do artesanato por ter turistas como público-alvo. Da mesma forma, o empreendedor do hotel situado na favela Tavares Bastos, ao ser questionado sobre as motivações dos turistas, ressaltou que:

é uma aventura, é mais pessoal [...] as pessoas estão procurando o passado perdido [...] a vida metropolitana é do individual, isolado [...] as pessoas se perdem e se acham aqui dentro [...] tem gente que vem aqui e não sai [...] um veio para ficar dez dias e ficou dez meses.

Sua fala expressa que o morador reflete sobre as relações sociais estabelecidas na favela como algo mais real do que a imagem que os visitantes estrangeiros estão acostumados a vivenciar em seu país de origem.

Nesse sentido, Bauman (2005) traz contribuições para pensar na formação de identidades como sendo cada vez mais fluidas, podendo, portanto, adquirir novos significados, fortalecendo laços de interdependência ou enfraquecendo-os.

Em alguns casos, o turismo em favelas pode ser uma “escola” em potencial, a qual possibilita aos viajantes perceberem os benefícios da vida comunitária e das estratégias de sobrevivência ali presentes, por meio da educação ambiental não formal. Isso porque os encontros presentes no contexto da favela podem oferecer um contraponto em relação a “outro tipo de sociedade” na qual, segundo Bauman:

os patrícios de hoje não precisam mais dos serviços da comunidade; na verdade, não conseguem perceber o que ganhariam permanecendo na e com a comunidade o que já não tenham obtido por conta própria ou ainda esperam assegurar por seu próprio esforço, mas podem pensar em muitos recursos que poderiam perder caso se submetessem às demandas da solidariedade comunitária (2003, p.50).

Na esteira dessa reflexão, Bauman complementa, em *Amor líquido*, que:

não surpreende muito que essas pessoas vejam com um horror crescente a possibilidade de se encontrar face a face com estranhos. Estes tendem a parecer ainda mais assustadores na medida em que se tornam cada vez mais diferentes, exóticos e incompreensíveis, e em que o diálogo e a interação que poderiam acabar assimilando a “alteridade” se diluem e nem chegam a ter lugar (2004, p. 135).

Parte-se da premissa de que a base pedagógica dessa “escola” é a troca de experiências, o deixar-se envolver por sentimentos de pertencimento e de altruísmo, pois, conforme Brandão,

O que nós vivemos em nossas relações com outras pessoas ou mesmo com o nosso mundo, como no próprio contato direto com a natureza, pode ser também, um momento de aprendizado. Podemos estar ou não conscientes disto, mas cada troca de palavras, cada troca de gestos, cada reciprocidade de saberes e de serviços com outra pessoa costuma ser também um momento de aprendizagem. (2005, p. 86)

A busca pela proximidade com a população local permite a troca de experiência que, por sua vez, é a principal marca da Favela Receptiva em Vila Canoas, do turismo voluntário no Morro da Coroa e da prática hoteleira na Tavares Bastos.

Considera-se que no momento da troca possa ocorrer um salto qualitativo em relação às diferentes formas de enfrentamento das desigualdades sociais, abrindo-se um espaço para que a cultura e as identidades dos envolvidos se ancorem em novas percepções da realidade, fazendo com que se tornem, no caso dos moradores, por exemplo, guias de turismo, artesãos ou “empresários” do setor de hospedagem, enquanto o turista pode reavaliar suas concepções sobre o ambiente considerado precário e contribuir para a refuncionalização dos processos produtivos estabelecidos na localidade.

Definida como uma práxis política, reflexiva sobre a vida e a natureza, formativa e transformadora da realidade social, a educação ambiental é referida, nesse texto, como espaço de diálogo, de interação e de participação, notadamente quando os sujeitos são envolvidos em processos geradores de trabalho e renda. A pressuposição de que a transformação da relação ser humano/natureza vincula-se às relações sociais e às dinâmicas socioambientais fundamenta os processos que possibilitam a criação de alternativas de enfrentamento às formas de dominação e de alienação e abre caminhos para novas práticas produtivas e inclusivas (NEFFA & SILVA, 2010).

Maffesoli sustenta que a interação “faz com que o conjunto seja algo mais do que as partes que o compõem” (2003, p. 173). Desse modo, é possível afirmar que a interação contribui com a meta de construção de sociedades sustentáveis, visto que a aproximação entre pessoas através do fortalecimento dos laços de solidariedade pressupõe a aproximação entre os diferentes saberes, separados e hierarquizados pela lógica cartesiana.

Na esteira desse pensamento, uma das responsáveis pela Favela Receptiva de Vila Canoas explicita que “a gente aprende muito com os turistas, assim como eles aprendem com a gente também” e que, através do contato com outras culturas, ela fica sabendo mais sobre temas de seu interesse, como o movimento feminista, por exemplo, e também sobre estratégias formadoras de jovens.

A moradora que hospeda os turistas na favela destacou o aspecto cultural do ato de receber as pessoas como “algo maravilhoso” e uma turista que se hospedava nessa casa ressaltou que “é uma experiência muito boa para aprender e conhecer as pessoas”.

No turismo voluntário oferecido pela IkoPoran, verificou-se, por meio do contato próximo com os turistas envolvidos de forma voluntária

em projetos de associações comunitárias, os seguintes depoimentos, os quais corroboram as argumentações explicitadas anteriormente: “ter a oportunidade de trabalhar em uma favela foi uma experiência inacreditável, de uma perspectiva cultural, sociológica e humana”; “foi um incrível aprendizado”; “eu sinto que estou retornando para a Irlanda uma pessoa mais cabeça aberta e capaz”; “eu estava lá para ensinar alguma coisa e eu acho que eles me ensinaram muito mais”; “eu acredito que estou muito mais confiante em mim mesma do que jamais fui antes de ir ao Brasil” (www.ikoporan.org, 2009).

Um dos moradores do Morro da Coroa, que trabalha na horta comunitária onde a turista voluntária entrevistada interage, ressaltou que “eles aprendem algo com nós e a gente aprende algo com eles também”. A coordenadora do projeto lembrou que um turista da Irlanda ensinou-os a fazer um molho “pesto” à base de manjeriço, que se tornou a principal fonte de renda para os que trabalham na horta.

Semprini contribui para pensar as potencialidades presentes no encontro, quando chama atenção para o fato de que “a experiência da diferença coloca à disposição do indivíduo uma variedade de opções significativas para que ele possa diante delas fazer uma livre escolha” (1999, p. 104).

No mesmo local, onde os moradores optaram pelo molho “pesto” como principal produto para comercialização, uma turista voluntária recebeu um combinado de plantas medicinais para tratar de uma tosse que a incomodava e teve a oportunidade de se curar com um tratamento de sua saúde alternativo. Nesse mesmo dia, a turista, que já consegue se comunicar em português e ensina aos trabalhadores(as) da horta comunitária a realizar a contabilidade do empreendimento, deu informações sobre os tipos de queijos produzidos na França e o modo de comê-los “sempre depois de cada refeição”.

Apesar de as trocas serem reduzidas, uma turista brasileira lembrou que “foi uma aprendizagem porque a televisão mostra uma coisa, mas a realidade é outra”, marcando, mais uma vez, o potencial de tais atividades para o desenvolvimento de uma educação ambiental não formal.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato da população local com os turistas que visitam as favelas cariocas permite a troca de saberes e, como consequência, contribui para a formação do turista e do morador local, permitindo a construção de novos modelos de identidades, que são dinâmicos e moldam-se com a entrada de novas informações.

A Lei 9795/99 refere-se ao ecoturismo como elemento importante para a reflexão sobre as questões socioambientais em um ambiente educativo não formal. Sugere-se que o turismo em áreas carentes também merece destaque para o fortalecimento da educação ambiental não formal, pois a evidenciação dos conflitos e dos meios para sua superação pode provocar ampliação da consciência ecológica, que se caracteriza pela ação ética responsável pelo devir humano e planetário.

Embora no roteiro turístico vivenciado na Rocinha não tenha sido possível identificar contatos interativos significativos, pois a mediação dos guias tornou-se fator impeditivo, a região não deixa de ter sido alterada, tendo em vista a exposição de artesanato em algumas ruas da favela e o acompanhamento de algumas crianças. No entanto, ao fazer uma análise mais aprofundada sobre o turismo na Rocinha, Freire-Medeiros (2009, p. 88) relata que “os turistas dizem que se sentem “transformados”, capazes de “dar valor ao que realmente importa”. O roteiro na Rocinha é o que mais recebe turistas. Contudo, boa parte do recurso financeiro gerado nesse tipo de turismo fica concentrada nos hotéis e nas agências de turismo.

Entre os tipos de turismo apresentados, o turismo voluntário no Morro da Coroa é o que procede a uma maior distribuição dos recursos financeiros, visto que paga uma quantia aos projetos sociais que recebem o voluntário envolvido no cotidiano dos moradores locais, embora haja uma agência intermediadora das ações turísticas.

Nos demais tipos de turismo que acontecem em Vila Canoas (Receptivo em Favela) e na Tavares Bastos, os recursos passam diretamente para as mãos da população local, que os repassa para suas redes de relacionamentos locais, contribuindo com a formação de uma cadeia produtiva ligada diretamente ao turismo.

A partir da análise das potencialidades e das dificuldades do turismo nas favelas cariocas, este estudo colabora com novas abordagens para a atividade que se destaca no município do Rio de Janeiro,

conferindo suporte para pensar políticas públicas para o setor, pois o ambiente desfavorecido em relação aos recursos financeiros pode ser beneficiado com o aumento da atividade turística, o que contribuirá para a construção de sociedades sustentáveis, visto que, para Irving, “o encontro é também processo, descoberta, crítica e reinvenção de uma nova realidade” (2009, p. 119).

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, J. Turismo cultural: traços distintivos e contribuição para o desenvolvimento endógeno. In: IRVING, M.A e AZEVEDO, J. **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 2002.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2005

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRUNER, E. **Culture on Tour: ethnographies of travel**. Chicago: The University of Chicago Press, 2005.

CAPRA, F. **Ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982

CARNEIRO, S. **A pé e com fé: brasileiros no caminho de Santiago**. Rio de Janeiro: Attar Editorial, 2007.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FORTUNATO, R. A. Representação Social da Educação Ambiental e sua contribuição ao turismo. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.2, n.2, 2009, pp.160-187.

FREIRE-MEDEIROS, B. **A construção da favela carioca como destino turístico**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

FREIRE-MEDEIROS, B. A favela que se vê e que se vende: reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Out 2007, vol.22, no.65, p.61-72.

_____. **Gringo na laje: produção, circulação e consumo da favela turística**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

FREIRE, P. **Política e educação**. Ensaios/Paulo Freire. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GLOBAL EXCHANGE. **Reality Tours: Frequently Asked Questions**. Disponível em: <<http://www.globalexchange.org/tours/faq.html>>. Acesso em: 19 jun. 2011.

GLOBO. **Guia Rio Show**. Disponível em:

<<http://rioshow.oglobo.globo.com/passeios/home.aspx>>. Acesso em: 19 jun. 2011.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Tradução de Artur Mourão. Lisboa: edições 70, 2000.

IKO PORAN. **Iko Poran**. Site da associação. Disponível em: <<http://www.ikoporan.org/>>. Acesso em: 19 jun. 2011.

IRVING, M. A. Reinventando a reflexão sobre o turismo de base comunitário. In:

BARTHOLO, R; BURSZTYN, I; SANSOLO, D.G (orgs). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

MAFFESOLI, M. Considerações epistemológicas sobre a fractalidade. In: Mendes, C. **Representação e complexidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

MACHADO, Ozeneide V. de M. **Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado**. In: BICUDO, M. A. V. e ESPOSITO, V. H. C. (org.). **A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1994.

MARCELINO, N. C. **Educação e Lazer**. Campinas-SP: Papirus, 1987.

NEFFA, Elza. A educação ambiental como prática integrada no ensino não formal. In: CADEI, Marilene. **Educação Ambiental e Agenda 21 escolar: formando elos da cidadania: livro do professor**. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.

NEFFA, Elza & SILVA, Elmo Rodrigues. O saber ambiental e a ressignificação da realidade. In: CAMELLO, Thereza (org.). **Educação Ambiental**. Rio de Janeiro, 2010 (no prelo).

OLIVEIRA, I, B. Aprendendo nos/dos/com os cotidianos a ver/ler/ouvir/sentir o mundo. *Educ. Soc.*, Abr 2007, vol.28, no.98, p.47-72.

Krippendorf, J. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2000.

SEMPRINI, A. **Multiculturalismo**. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

